

**“GUENTA CORAÇÃO VEI SOFREDOR!”: NARRATIVAS E
SENSIBILIDADES DAS QUEBRadeiras DE COCO BABAÇU NO
MARANHÃO E AS POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA**

Jean Carlos Silva Cunha

Mestrando em Ensino de História URCA
cunhajeon25@gmail.com

RESUMO

O referido trabalho visa analisar as memórias das quebradeiras de coco babaçu do Maranhão, especificamente na região do Médio Mearim. Com a mesma relevância busca refletir sobre as possibilidades do estudo dessa temática dentro do ensino de história. O ofício das quebradeiras de coco babaçu, se constrói enquanto uma prática cultural regional que aglutina diversas ações comuns de mulheres do campo e também da cidade, que buscam seu sustento através da quebra do coco, tal ação se configura enquanto identidade que se constrói a partir das vivências e ancestralidades geridas através de seu ofício. Nesse aspecto, o presente trabalho busca compreender essas narrativas, utilizando para isso os conceitos memória e sensibilidade presentes dentro dos discursos atribuídos ao seu trabalho, associando-os ainda ao ensino de história.

Palavras-chave: Memória; Sensibilidade; Gênero; Ensino de História

Quebrar coco no Maranhão é uma tarefa muito conhecida, principalmente por aqueles que vivem no interior do estado que em sua extensão tem grande parte do território formado por babaçuais. Do coco e da palmeira quase tudo se aproveita, além da amêndoa que tem um papel importante na culinária maranhense, se utiliza a casca para fazer carvão e a palha da palmeira para cobrir casas entre outras utilidades.

A maior parte do coco coletado é vendido no mercado interno da região, mas até o produto final chegar ao consumidor, existe toda uma prática acerca da coleta e quebra do coco que foi minuciosamente elaborada, como uma espécie de ritual que se inicia da saída de casa para a mata no começo do dia, até o seu retorno no final dele.

Além da questão econômica, a coleta e quebra do coco babaçu promove uma integração sociocultural que remonta tempos imemoriais. Nesse sentido é essencial o entendimento desse ofício como prática cultural regional que aglutina diversas ações

comuns de mulheres do campo e também da cidade, que buscam seu sustento através da quebra do coco, tal ação se configura enquanto identidade que se constrói a partir das vivências e ancestralidades geridas através de suas práticas.

Apesar de sua contribuição na formação sociocultural da região, a prática de quebrar coco, realizado pelas mulheres no interior do estado do Maranhão ainda é pouco reconhecida tanto pelo Estado, enquanto atuação profissional, quanto por boa parte da população que desconhece seu valor cultural, sendo sua ação ainda invisibilizada e percebida como um trabalho inferior.

O debate que propomos fazer aqui é justamente sobre as possibilidades que podemos construir, através do ensino, sobre uma história voltada para a valorização do trabalho das quebradeiras de coco, reconhecendo suas narrativas e percebendo suas práticas como patrimônio cultural imaterial da região a que pertencem.

Temáticas sobre mulheres já vem sendo bastante debatidas nos últimos anos no campo da história cultural. A partir do conceito da categoria gênero e suas possibilidades dentro da historiografia, muitos trabalhos que envolvem tais questões vem ganhando cada vez mais espaço, tirando a mulher do seu papel secundário da história e dando a elas o lugar que sempre deveriam ter ocupado.

A partir desses pressupostos e buscando contribuir para a construção de uma “história vista de baixo”, utilizando a concepção formulada por Thompson, a temática sobre as quebradeiras de coco babaçu no interior do estado do Maranhão pretende contribuir de certa maneira com os trabalhos relacionados a gênero e trabalho.

Pesquisas sobre a história das mulheres no mercado de trabalho ou sobre o empoderamento feminino nos últimos anos têm aparecido constantemente, e trazido muitas reflexões acerca do papel da mulher na sociedade, na cultura e no trabalho, como também suas relações com o sexo oposto e sua luta para conquistar esse espaço. (SCOTT, 1991)

O trabalho realizado pelas mulheres que quebram coco no Maranhão também se engaja dentro de uma dinâmica voltada para o estudo de gênero. Desse modo seria este um dos aspectos que pretendemos incluir nessa pesquisa. Outro aspecto que percebemos como importante a ser contemplado, seria problematizar uma relação primária que essas mulheres exercem em seu contato com a natureza, para assim percebê-las em sua relação social.

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFMG

Algumas indagações tem se mostrado pertinentes durante a elaboração do problema dessa pesquisa, questões relacionadas a gênero que irão nos encaminhar para os passos seguintes enveredando pelo campo das sensibilidades.

Dito isto se seguem alguns questionamentos: Por que quem mais se dedica a essa prática são as mulheres? Por que os homens que também quebram coco não se reconhecem como tais, mas sim meros ajudantes de suas companheiras? Onde se encontra o germen dessa divisão do trabalho na prática das quebradeiras de coco? Que relações se constituíram a partir do trabalho dessas mulheres no contexto familiar e social?

O intuito das discussões no entorno dessas relações é perceber de que forma essas mulheres conseguem trazer para sua órbita todas as questões relacionadas ao seu ofício. Mulheres que determinam sua própria vivência sem manter uma dependência exclusiva de seus companheiros ou serem determinadas pelas vontades deles.

A quebra do coco se torna para essas mulheres um complemento na renda quando o marido trabalha fora ou na lavoura, mas também como no caso de muitas famílias é a única renda que se tem. Por vezes se achava que as mulheres que quebravam coco só o faziam por necessidade econômica, mas a partir de uma melhor compreensão de suas vivências, se percebeu que a quebra do coco além de uma atividade extrativista, se constitui também como uma prática cultural, visto ser uma atividade exercida na sua grande maioria por mulheres que herdaram essa atividade de suas ancestrais e que ainda hoje se utilizam da mesma técnica artesanal de coleta e quebra do coco. (BARBOSA, 2013).

No que se refere à uma divisão familiar do trabalho, elas tomam a liderança, assumindo na maioria das vezes o papel de chefes de família, seja pela ausência do marido que trabalha fora ou mesmo com a presença deste, assumem não somente o controle do seu ofício, como também o da sua casa. Nesse sentido a responsabilidade em cuidar dos filhos e sustentar o lar passa a ser tarefa feminina. As mulheres assumem a missão de estar a disposição da casa e se veem como mantenedores do sustento da prole, visto que muitas também são mães solteiras.

A partir desse contexto elas encarnam em torno de sua prática, uma postura análoga a que já exercem em casa, no que se refere a uma mobilização de seu ofício. Se percebendo enquanto quebradeiras de coco fortalecem sua identidade e constroem sua imagem como agente social transformador.

Perceber as representações que essas mulheres têm acerca do seu ofício e de si mesmas enquanto agentes socioculturais e também enquanto mulheres, suscita algumas questões que podem ser contempladas nesse estudo, tais como as relações de gênero e o processo de formação de identidade. Abordar essas questões em História é de suma importância para a compreensão da dinâmica cultural que se desenvolve na região que se pretende estudar.

A História em sua dimensão cultural percebe tais ofícios tradicionais como fonte e objeto que pertencem a um conjunto de atitudes sociais que formam para além do trabalho operacional um arcabouço de cultura. Nesse aspecto isso é visto como parte do patrimônio cultural de uma comunidade, desde que expresse uma forma de saber que pertença a um determinado grupo social e expresse uma identidade coletiva.

Nesse sentido, o trabalho realizado pelas quebradeiras de coco babaçu no Maranhão se configura como patrimônio cultural imaterial, pois além da técnica, abrange vivências e experiências passadas através das gerações. Seus modos de vida, sua percepção enquanto ser social e cultural, como também suas histórias, pertencem a um conjunto de práticas que se desenvolveram a partir desse ofício. (PESAVENTO, 2005).

Diante dessa percepção de si, chega um determinado momento em que essas mulheres “assumem o jogo” e ditam suas regras. Uma nova postura começa a aparecer em meio a sua própria representação, em que se colocam não mais somente como objetos da ação, mas principalmente como condutoras irreversíveis e protagonistas de sua própria atuação.

Todas essas temáticas já são abordadas pela história cultural dentro de sua abordagem sobre as sensibilidades. Perceber as narrativas das quebradeiras de coco como uma expressão cultural e mais ainda suas contribuições para o *modus vivendi* da região em que atuam, traz bastante relevância para a compreensão de um contexto maior em que elas estão inseridas.

As quebradeiras de coco assumem seu ofício para além do papel de simples extrativistas, muitas não se sentem reconhecidas dentro das organizações sindicais de trabalhadores rurais existentes, em sua maioria, comandadas por homens. Sobre esse aspecto Viviane Barbosa (2013) ressalta que:

Como mães, mulheres, deram-se conta, nesse processo, de que muitas de suas aspirações e necessidades não estavam sendo plenamente atendidas pelas

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFMG

organizações tradicionais, como aquelas dos sindicatos, claramente masculinas em seus princípios, normas e práticas. Diante disso, acabaram transformando as conversas cotidianas realizadas enquanto quebravam, geralmente em grupos, o coco, os encontros em clubes de mães, em espaços catalizadores de luta e reivindicação coletivas. (BARBOSA, 2013, p.30).

O fato de não se sentirem representadas dentro das organizações e sindicatos de trabalhadores rurais, as fez perceber ainda mais a importância de construírem e preservarem uma identidade enquanto quebradeiras de coco, como também a necessidade de lutarem por ela. A partir dessa percepção começam a surgir as associações próprias das quebradeiras de coco.

Essas associações segundo Viviane Barbosa (2013), exercem um papel fundamental na organização política dessas mulheres como também na proteção aos seus direitos enquanto quebradeiras, garantindo ou pelo menos tentando, o acesso dessas mulheres aos babaçuais.

Atualmente grande parte das áreas de mata dos cocais já foi cercado por latifundiários, o que acaba gerando conflitos e dificulta a entrada das quebradeiras em propriedade particular, ou ainda, quando a entrada delas é permitida, tentam impor “regras” de conduta as mesmas, determinando horários e locais para a quebra do coco.

Além das questões sobre conflitos de terra, existe ainda uma questão ambiental problemática que é parte integrante da realidade da quebradeira. Os conflitos surgem do momento em que se desrespeita a natureza, derrubando palmeiras ou fazendo queimadas próximo aos babaçuais.

A defesa do seu espaço geográfico perpassa por questões relacionadas à sua ancestralidade e maternalismo, algo bastante presente na vivência dessas mulheres. Para a grande maioria delas, a palmeira é vista como mãe que precisa ser preservada e cuidada, pois é a partir dela que provém o seu sustento e de sua prole, como também dos outros seres vivos que dependem desse equilíbrio natural. Seria incoerente pensar no trabalho dessas mulheres sem perceber sua relação quase religiosa com a natureza que as cerca.

Diante disso, usamos as contribuições de Koselleck (2014) em seu ensaio sobre a relação tempo e espaço, que ele considera como categorias e condições de possibilidade para a construção da história, onde aborda que o espaço é “historicizado, pois se modifica social, econômica e politicamente”. O que nos leva a refletir sobre as relações estabelecidas por essas mulheres diante da alteração do seu espaço de vivência.

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFMG

Nesse aspecto é interessante refletir ainda seu conceito sobre os “espaços de experiência” e “horizontes de expectativa” dentro de uma relação temporal. No que se refere às práticas das quebradeiras de coco, percebemos sua identidade formada a partir de uma aquisição de experiência adquirida através da repetibilidade, formulada através dos processos de acumulação que são absorvidas pelas gerações contemporâneas. Quanto a esse aspecto Koselleck (2014) ressalta que:

Por isso, existem, além da experiência pessoal, também prazos e limiares de experiência geracional. Uma vez institucionalizados ou assumidos, eles estabelecem uma história comum. Abarcam todas as pessoas que compartilham o mesmo convívio, seja famílias, categorias profissionais, moradores da mesma cidade ou soldados de um exército, cidadãos de Estados ou integrantes de classes sociais, crentes ou não crentes de igrejas, membros de associações políticas de todo tipo, seja partidos, seitas, facções, estados-maiores, círculos, grêmios ou comunidades. Qualquer comunidade de ação reunida por trajetórias biográficas, pelo acaso ou por uma organização ajuda a consolidar experiências vivenciadas. Por isso, do ponto de vista temporal, podemos falar em unidades geracionais políticas e sociais, cuja característica comum consiste em vivenciar, reunir e organizar experiências singulares ou recorrentes, ou então em viver experiências comuns. (KOSELLECK, 2014, p.35).

Com todas essas questões que são inerentes as vidas dessas mulheres que se dedicam a coleta e quebra do coco babaçu, se faz necessário problematizar as narrativas que se constroem a partir de suas vivências, seus medos e suas coragens, seu tradicionalismo e seu protagonismo, suas relações consigo mesmas e com o mundo que as cerca e as desafia.

Nesse sentido é importante compreender melhor o campo das subjetividades. A compreensão desse campo de estudo poderá nos ajudar a preencher algumas lacunas que são necessárias para uma apreensão mais aproximada da verdade. Verdade esta que para a História, utilizando ainda as palavras de Koselleck (2014), é apenas um “horizonte de expectativa”. O historiador, bem sabemos, cria versões sobre o que provavelmente teria acontecido, o que acaba aproximando a história da ficção, diferenciando-se desta pelo uso controlado que faz da imaginação, uma construção mais próxima de uma verdade possível. (SILVA, 2015).

Por conta dessa especificidade da escrita da história, percebemos que o trabalho com as sensibilidades se faz importante e crucial para justamente honrar esse compromisso que a história tem com a verdade, seu fim último. Abordar as sensibilidades é conferir voz aos esquecidos da história, está justamente na construção

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFMG

de uma história social que se pretende renovada e de fato comprometida com uma História vista pela perspectiva dos excluídos.

A história das sensibilidades, como o próprio nome condiciona, aborda sobre aquilo que nas sociedades é impalpável: o imaginário, os sentimentos, as emoções, as perspectivas. Abstraindo a partir dessas sensações as diferentes maneiras de pensar de uma época. Sobre a importância em se abordar esses aspectos em História, Sandra Jatahy Pesavento corrobora que:

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. (PESAVENTO, 2005, p.21).

Os campos de saberes são múltiplos e a História tem possibilitado a análise de vários aspectos, sejam eles, sociais, políticos ou culturais das sociedades. Dentro desses aspectos um se evidencia como um campo de bastante relevância, justamente algo que durante um bom tempo era considerado improvável de analisar: o campo das emoções, as subjetividades.

O trabalho com as sensibilidades vem se mostrando um campo promissor dentro da área da história cultural. Para além de somente tentar construir versões de como determinado fato aconteceu ou problematiza-lo, o campo do sensível demonstra ser um importante aspecto quando se pretende analisar as conjunturas sociais e políticas de uma determinada ação e suas vicissitudes.

Entender as sensibilidades é necessário, se pretendemos obter uma visão mais ampla sobre os contextos socioculturais que estamos estudando e isso gera consequentemente uma compreensão ainda melhor do fato a ser analisado.

Concomitante a compreensão das sensibilidades, é necessário ainda uma abordagem sobre os usos da memória no presente e sua contribuição como fonte para História. nesse aspecto iremos utilizar a reflexão utilizada por François Hartog, em suas considerações sobre o atual presentismo e o papel da memória na preservação das identidades coletivas.

Perceber os diferentes tipos de memória existente sobre determinado acontecimento ou práticas culturais é de suma importância dentro de uma análise historiográfica que se pretenda discutir, levando em consideração os múltiplos fatores

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFMG

que contribuíram para a construção dessas mesmas memórias. Sobre esse aspecto Hartog diz que:

O passado não está mais “no mesmo plano”. Por consequência, fomos “de uma história que se procurava na continuidade de uma memória a uma memória que se projeta na descontinuidade de uma história”. Tal como se define hoje em dia, a memória “não é mais o que se deve reter do passado para preparar o futuro que se quer; ela é o que faz com que o presente seja presente para si mesmo”. Ela é um instrumento presentista. (HARTOG, 2013, p.163).

A partir da perspectiva do atual presentismo, é interessante analisar as possíveis memórias coletivas que são construídas ou esquecidas e a partir delas perceber até onde essa relação determina a prática das quebradeiras no momento atual e mais, que rupturas ou continuidades elas ajudam a moldar.

Dentro desse aspecto que se busca refletir sobre a memória individual e coletiva, é interessante perceber as mudanças ocorridas mais recentemente no universo das quebradeiras de coco. O reflexo que as mudanças no contexto sociocultural e econômico trouxe para vida dessas mulheres refletiu e ainda reflete em suas maneiras de ver seu ofício. Atualmente muitas mulheres abandonaram a quebra de coco ou já não se dedicam mais como antes. Essas mudanças na forma de ver e manter suas práticas faz parte de suas narrativas e são frutos de uma memória que vem sendo construída e assimilada pelas novas gerações, a partir da perspectivas de um presentismo que é vivenciado pelas mesmas.

Posto toda essa problematização sobre as questões supracitadas, se torna necessário um diálogo com o ensino de história a partir da inclusão da temática dessa pesquisa ao centro do debate em sala de aula. Nesse aspecto entra em cena a dimensão intercultural da educação que visa aproximar e tornar preponderante aos alunos e comunidade escolar este tipo de temática. Quanto a isso a professora Vera Maria Candau reforça que:

A perspectiva intercultural que defendo quer promover uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente incluídas. (CANDAU, 2016, p.23).

Nesse sentido, o estudo das narrativas das quebradeiras de coco do Maranhão pretende uma nova atitude pedagógica que busca ir além de um compartilhamento de saberes, mas busca promover uma educação voltada ao respeito às diferenças. Contudo, se torna necessário a quebra de alguns paradigmas dentro do ensino de história no que tange uma maior flexibilidade do currículo, abrindo espaço para histórias e saberes outros que de fato sejam representativos para quem está estudando. Nesse propósito percebemos que as narrativas que se constroem serão de grande relevância para o estudo da história local e regional.

Percebendo as ausências desse tipo de temática dentro de um ensino que se quer construir a partir das experiências de seu povo, se faz necessária uma atitude de escuta que coloque as narrativas das quebradeiras de coco como patrimônio cultural imaterial do Maranhão, por ser uma atividade que se realiza em todo o estado e também fora dele onde exista uma vegetação adequada, nesse caso específico, a mata de cocais.

Outra questão que possibilita a inclusão dessa temática ao ensino vem ser uma dinâmica de adequação social e de representatividade, visto que na região grande parte do alunado tem ou teve suas mães, tias ou avós, quebradeiras de coco, buscando dessa forma uma consciência histórica do trabalho, o que irá contribuir na construção de uma percepção do trabalho de forma menos preconceituosa.

Apesar e por causa dessa realidade desafiadora, propomos o fomento das diversas possibilidades de se trabalhar as narrativas coletivas e individuais em sala de aula. Diante de uma nova postura relativa aos usos da memória enquanto fonte e enquanto construção de saber podemos desenvolver um conhecimento que inclua ainda mais os saberes e práticas ainda marginalizadas dentro do ensino básico de história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história das mulheres vem sendo um campo muito promissor dentro das abordagens historiográficas, trazendo reflexões importantíssimas acerca de suas experiências, contribuições e desafios. Outro campo que vem sendo bastante abordado pela história cultural são as sensibilidades, categoria que está retomando questões que envolvem a subjetividade, o imaginário e as representações (PESAVENTO, 2005). Dentro desses dois campos de tamanha relevância e necessidade para história, inserimos as vivências das quebradeiras de coco do Maranhão.

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFMG

Perceber essas vivências e problematizá-las é uma tarefa que se conduz sob um aspecto restaurador e relativizante das práticas culturais que se desenvolvem no interior do Maranhão e que possui grande influência das ações e trabalhos dessas mulheres.

Colocar essas mulheres e suas histórias de vida, compreendendo suas sensibilidades e suas lutas coletivas, no cerne de uma debate historiográfico, é necessário e regozijante, visto que o trabalho a ser definido pode trazer visibilidade e um maior entendimento, sobre o papel cultural que essas mulheres em tempos outros como também agora, realizam dentro do contexto social a que pertencem.

Dessa forma a inserção delas no ensino de história só irá trazer benefícios para ambas partes, elas por serem representadas e visibilizadas e a comunidade que terá a oportunidade de conhecer melhor e perceber a riqueza que é a patrimonialização de um saber pertencente à identidade cultural de sua região. A aproximação e o respeito ao que é intrínseco à comunidade que esta prática pertence é o mínimo que se pretende alcançar.

A história enquanto disciplina escolar tem muitas possibilidades e caminhos tão necessários quanto no seu viés acadêmico. É provocativo em meio ao contexto atual em que vivemos trazer abordagens mais voltadas para as vivências reais e que estão próximas da nossa realidade.

Entra aqui também o papel do professor/pesquisador que tenta aproximar seu aluno da sua própria vivência e aceitá-la como sua, como pertencente ao seu arcabouço cultural. Nesse sentido o estudo a que pretendemos endossar é justamente o que a história cultural tem nos mostrado, abrir o leque das possibilidades é de fato contribuir para construção de uma realidade menos excludente e que valoriza e aprende com as práticas e ações do seu povo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Viviane de Oliveira. **Mulheres do Babaçu**: Gênero, maternalismo e movimentos sociais no Maranhão. Tese de Doutorado, UFF: 2013.

CANAU, Vera Maria. “Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica”. In: CANAU, Vera Maria; MOREIRA, Antonio Flávio.(org.) **Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas**.Ed.Vozes.Petropolis:2016.

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFCG

DE CERTEAU, Michel. **História e Psicanálise: entre ciência e ficção**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre história**. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Autêntica: 2005.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. (Trad. Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila). Recife: SOS Corpo, 1991.

SILVA, Renân. **Lugar de dúvidas: sobre a prática da análise histórica: breviário de inseguranças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.